

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
CURSO DE PLANEJAMENTO E GESTÃO PARA O DESENVOLVIMENTO RURAL -
PLAGEDER**

CARLOS GEUVANI KAEFER

**AGROINDUSTRIALIZAÇÃO,
UMA ALTERNATIVA DE RENDA PARA AGRICULTURA FAMILIAR.**

Camargo

2011

CARLOS GEUVANI KAEFER

**AGROINDÚSTRIALIZAÇÃO,
UMA ALTERNATIVA DE RENDA PARA AGRICULTURA FAMILIAR.**

Trabalho de conclusão submetido ao Curso de Graduação em Planejamento e Gestão para Desenvolvimento Rural, da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como quesito parcial para obtenção do título Tecnólogo em Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural.

Orientador: Prof. Msc. Jean Philippe Revellion

Coorientador: Tutor Elvis Albert Robe Wandscheer

Camargo

2011

CARLOS GEUVANI KAEFER

**AGROINDÚSTRIALIZAÇÃO,
UMA ALTERNATIVA DE RENDA PARA AGRICULTURA FAMILIAR.**

Trabalho de conclusão submetido ao Curso de Graduação em Planejamento e Gestão para Desenvolvimento Rural, da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como quesito parcial para obtenção do título de Tecnólogo em Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural.

Aprovado em: Camargo, 19 de Agosto de 2011.

Prof. Msc. Jean Philippe Revellion - Orientador
UFRGS

Prof. (a) Msc. Susana Cardoso
UFRGS

Prof. (a) Msc. Luciana Scarton
UFRGS

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho de conclusão a duas pessoas, minha esposa Greice e minha “*mädchen*” Manoella, que em nenhum momento mediram esforços para me apoiar e compreender a minha falta de tempo para com elas, durante o período de realização do curso. Obrigado. Amo vocês.

AGRADECIMENTOS

Ao meu Orientador Prof. Jean Philippe Revellion e também ao Co-Orientador Tutor Elvis Albert Robe Wandscheer, pelo incentivo e presteza no auxílio as atividades e discussões sobre o andamento e normatização deste Trabalho de Conclusão de Curso.

E, especialmente, a DEUS pela oportunidade e pelo privilégio que me foi dado em compartilhar tamanha experiência e, ao frequentar este curso, perceber e atentar para a relevância de temas que não faziam parte, em profundidade, do meu cotidiano.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
3 METODOLOGIA	11
4 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	13
4.1 O conceito de agroindústria familiar	13
4.2 A importância da agricultura familiar.....	14
4.3 A importância e as potencialidades da agroindústria familiar.	15
4.3 Limitantes do processo de agroindustrialização familiar	19
5. Experiências de agroindustrialização familiar.....	22
REFERÊNCIAS	27

RESUMO

O presente trabalho busca evidenciar a importância da agroindustrialização para o desenvolvimento da agricultura familiar. O estudo pretende esclarecer o conceito de agroindústria familiar, apresentar dados relativos à sua importância e identificar quais as potencialidades e os principais entraves enfrentados pelas agroindústrias familiares do estado do Rio Grande do Sul. Em muitas regiões do país a agroindústria familiar vem aparecendo como importante estratégia de agregação de valor aos produtos produzidos pela agricultura familiar: melhorando assim a renda desses agricultores, aumentando sua auto-estima, e ainda diminuindo os índices de êxodo rural. Essa pesquisa foi realizada a partir de uma revisão bibliográfica a partir de estudos recentes sobre a temática,

Palavras – Chave: Agricultura familiar; Agroindústria familiar; Limitantes.

ABSTRACCT

This paper seeks to demonstrate important aspects of family farms, their importance, their weaknesses, and also the changes in this segment in recent years, and also linked to this; show the importance of agribusiness family for this segment of agriculture, reporting succinctly, the main limiting points and the main potential of small agribusinesses. In many regions of the country's agribusiness family has appeared as an important strategy of adding value to products produced by family farmers. Thereby improving the income of farmers, increasing their self-esteem, and even reducing the rate of rural exodus.

Key - words: Family Farming; Agribusiness family; Limiting

1 INTRODUÇÃO

Mudanças na economia mundial ocorridos nas décadas passadas têm causado profundas alterações em vários setores da economia. Entre estes, o setor rural brasileiro sofreu significativas mudanças devido a sua inserção em novos mercados globalizados, e também pelo surgimento de novas tecnologias e ainda pela forte concorrência internacional. Para reestruturar e preparar esse setor é necessário o desenvolvimento de políticas de desenvolvimento específicas, de origem governamental ou de seus próprios agentes, de maneira a incrementar a competitividade das organizações e a estabilidade na renda dos seus agentes o que depende, principalmente, do conhecimento dos gestores em administrar os recursos dentro e fora da propriedade

Para os próximos anos, as mudanças no agribusiness continuarão acentuadas, mas serão de natureza bem diferente das ocorridas nas últimas décadas, com balizamento nos seguintes pontos: globalização dos mercados, posicionamento e segmentação dos produtos, liderança da rede varejista, impacto da biotecnologia, conceitos de saúde e meio ambiente. Todos estes pontos terão influência majoritária sobre as tendências e cenários de reestruturação das empresas e da reordenação institucional dos governos no agribusiness. Trata-se de pólos que emitirão uma alta carga de mudanças para cada elo de cadeia vertical do sistema - dos fornecedores de bens e serviços para a agricultura até o consumidor final - com todo ele cada vez mais orientado para o mercado (PINAZZA, 1993, p. 147).

A agricultura é uma atividade de grande importância para a economia do país, no estado do Rio Grande do Sul o que predomina são as pequenas propriedades de cunho familiar, devido a influências dos imigrantes europeus (RIVA, 2009, p 22). Segundo o IBGE (2006) mais de oitenta por cento das propriedades rurais do estado gaúcho são de pequeno porte.

Porém, os agentes deste segmento produtivo sempre enfrentaram problemas para permanecer na atividade devido a fatores como a falta de políticas públicas direcionadas diretamente a este setor, e manutenção de um patamar de preços achatados para os produtos agrícolas – muitas vezes tornando a atividade deficitária. Esta realidade nos últimos anos vem melhorando devido a oferta de novas linhas de crédito direcionadas exclusivamente para a agricultura e a agroindústria familiar, o PRONAF Mais Alimentos é um bom exemplo disso.

Nesse novo contexto, as agroindústrias familiares rurais, conseguem propiciar aos agricultores uma mudança na realidade econômica, contribuindo, em muito, para melhorar a qualidade de vida desses agricultores, dando um novo ânimo para esses permanecerem no campo, diminuindo o êxodo rural. As agroindústrias familiares são maneiras de “[...] impulsionar a geração, direta e indireta, de novos postos de trabalho e de renda aos agricultores familiares, promovendo a sua (re) inclusão social e econômica” (PREZOTTO, 2002, p. 01)

Porém, a agroindustrialização encontra alguns limitantes para sua execução, como os altos custos para instalação, e também dificuldades para atender a legislação ambiental e sanitária. De acordo com Révillion (2010, p.01), “o estabelecimento e funcionamento de agroindústrias dependem do atendimento de uma série de normas, de natureza fiscal, ambiental e sanitária, estabelecidas pelos poderes públicos em suas diferentes esferas (municipal, estadual e federal)”. A dificuldade em atender essas normas faz com que, muitas vezes, o agricultor implemente uma agroindústria na informalidade, “esta remete muitas vezes ao princípio da clandestinidade, prejudicando tanto na comercialização, como na produção” (RIVA, 2009 p. 24). Outros limitantes que também podemos citar é a dificuldade de obter matéria prima adequada para esses estabelecimentos, a falta de gestão na agroindústria, principalmente gestão na contabilidade da empresa.

Essa pesquisa pretende esclarecer o conceito de agroindústria familiar, apresentar dados relativos à sua importância e identificar possíveis limitações e entraves enfrentados pelas agroindústrias familiares, bem como demonstrar as possibilidades, potenciais e benefícios da agroindustrialização para a agricultura familiar no estado do Rio Grande do Sul. Para tanto, estabeleceu-se como objetivos específicos, o levantamento de evidências relativas a importância da agricultura familiar e aos benefícios da agroindustrialização para a agricultura familiar no estado do Rio Grande do Sul. Detalhar o conceito de agroindústria familiar, bem como sua importância para o desenvolvimento rural. E ainda, identificar os fatores limitantes para o processo de agroindustrialização familiar e para a inserção dos produtos das agroindústrias nos mercados.

O método de estudo escolhido para o atendimento desse objetivo é o de revisão bibliográfica tendo em vista que inexistem trabalhos científicos que sintetizem os numerosos estudos realizados sobre essa temática.

3 METODOLOGIA

Esta parte do trabalho é destinada para uma breve descrição dos procedimentos, métodos e natureza, que auxiliaram na obtenção de todas as obras utilizados durante a elaboração desta pesquisa.

Lehfeld (1991, p.14) se refere à pesquisa como sendo “a inquisição, o procedimento sistemático e intensivo, que tem por objetivo descobrir e interpretar os fatos quês estão inseridos em uma determinada realidade.” Este estudo utilizará quanto à forma de abordagem a pesquisa qualitativa que segundo Gerhardt e Silveira:

Busca explicar o porquê das coisas, exprimindo o que convém ser feito, mas não quantifica os valores e as trocas simbólicas nem se submetem à prova de fatos, pois os dados analisados não são métricos (suscitados e de interação) e se valem de diferentes abordagens. [...] o cientista é ao mesmo tempo o sujeito e o objeto de suas pesquisas (2008, p. 28).

E ainda, “a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e nos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (MINAYO, 2001, p. 23). A pesquisa qualitativa possui algumas características, que são descritas por Gerhardt e Silveira:

Objetivação do fenômeno; hierarquização das ações descreverem, compreender, explicar; precisão das relações entre o global e o local em determinado fenômeno; observância das diferenças entre o mundo social e o mundo natural; respeito ao caráter interativo entre os objetivos buscados pelos investigadores, suas orientações teóricas seus dados empíricos; busca de resultados os mais fidedignos possíveis; oposição ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências (GERHARDT E SILVEIRA 2008, p. 31).

Quanto à natureza será utilizada a pesquisa básica, pois “trata-se de uma forma mais abstrata da investigação científica cuja finalidade é a de aprofundar os conhecimentos existentes e tentar compreender as questões mais pertinentes da nossa existência, que estas sejam de natureza biológica e física ou de ordem econômica e social” (ALMEIDA, 1989 p. 33). Com base nos objetivos do estudo podemos classificar esta como uma pesquisa exploratória, pois “estas tem

como objetivo principal o aprimoramento de idéias ou a descoberta de instituições, seu planejamento é, portanto bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado” (GIL, 1999, p.03).

Quanto aos procedimentos técnicos será uma pesquisa bibliográfica, pois se baseará “unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referencias teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura resposta” (Fonseca, 2002, p.18). Conforme destaca Gil (1999):

A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Esta vantagem torna-se importante quando o problema de pesquisa requer dados muito disperso pelo espaço. [...] também é indispensável nos estudos históricos, onde não há outra maneira de conhecer os fatos passados senão com base de dados bibliográficos (GIL, 1999, p. 04)

Dessa forma foram pesquisados artigos científicos sobre a temática, dados sócio-econômicos compilados por instituições públicas e setoriais e observações realizadas nos materiais didáticos trabalhados no curso Planejamento e Gestão para Desenvolvimento Rural - PLAGEDER no sentido de responder aos objetivos de pesquisa.

4 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

4.1 O conceito de agroindústria familiar

Gazolla e Pelegrini (2007 p. 02) consideram agroindústria familiar “como uma atividade de produção de produtos agropecuários com conseqüente transformação destes em derivados alimentares de diversos tipos, ocorrendo, nesse processo, a agregação de valor ao produto final. Além disso, deve-se ressaltar que nestes empreendimentos há grande relevância do trabalho e da gestão por parte do próprio núcleo familiar que é o que empresta sentidos, significados e as estratégias que serão adotadas nesta atividade”.

“A agricultura familiar não é uma categoria social recente, nem a ela corresponde uma categoria analítica nova na sociologia rural. Mas sua utilização, com o significado e abrangência que lhe tem sido atribuído nos últimos anos, no Brasil, assume ares de novidade e renovação” (WANDERLEY, 2001, p.21). Segundo a FAO/INCRA (1994):

O modelo familiar teria como característica a relação íntima entre trabalho e gestão, a direção do processo produtivo conduzido pelos proprietários, a ênfase na diversificação produtiva e na durabilidade dos recursos e na qualidade de vida, a utilização do trabalho assalariado em caráter complementar e a tomada de decisões imediatas, ligadas ao alto grau de imprevisibilidade do processo produtivo (1994, p. 08).

E ainda, Oliveira et all, constataam:

Que atualmente, a agregação de valor gerada pelo beneficiamento ou a transformação dos produtos agrícola ganha importância, determinando, a própria viabilização de inúmeras pequenas propriedades rurais. Além de ser uma alternativa econômica para o aumento da renda dos agricultores, através da agregação de valor ao produto, a viabilização das agroindústrias familiares tem sua importância sócio-cultural, que possibilita o resgate, pelos agricultores, desta atividade que no decorrer dos tempos desempenhou e, gradativamente, foi expropriada pelas grandes agroindústrias. (1999, p.08)

A Agroindústria familiar caracteriza-se por se inserir em nichos de mercado, a partir de realidades onde a cultura exerce significativa influencia nas relações sociais e de produção, configurando identidades territoriais tanto ao produto artesanal como ao espaço-local destes produtos (SILVEIRA et al, 2008).

4.2 A importância da agricultura familiar

“A discussão sobre a importância e o papel da agricultura familiar vem ganhando impulso nos debates relacionados ao desenvolvimento sustentável e também na geração de emprego e renda” (LOPES DE MELLO, s/d, p.04).

Dessa forma Sulzbacher (2009) enfatiza que:

O setor agropecuário, em especial a agricultura familiar, somente passa a assumir importância política a partir da década de 1990, oportunidade em que é criada a Lei da Agricultura Familiar. Reconhecimento este, resultante da luta histórica da sociedade civil organizada, representada pelos movimentos sociais, sindicatos, dentre outros. Até então ela esteve recolhida às sombras do paradigma desenvolvimentista. (SULZBACHER, 2009, p.05)

A partir deste importante momento, se conseguiu mostrar cada vez mais a importância deste modelo de agricultura, que gera inúmeros empregos e conseqüentemente renda para várias famílias de pequenos agricultores. O que mostra a fundamental importância de buscarmos novas opções para o fortalecimento deste importante segmento para o desenvolvimento local e regional. Normalmente a agricultura familiar é caracterizada pela administração familiar, onde o proprietário dirige o processo produtivo, utilizada para todos os afazeres da propriedade somente mão-de-obra dos membros da família.

A importância desse segmento é demonstrada por Portugal (2004) onde a agricultura familiar tem papel fundamental na economia das pequenas cidades, sendo que 4.928 municípios têm menos de 50.000 habitantes, sendo esses produtores e suas famílias responsáveis pelos empregos e serviços das cidades pequenas. De acordo com Cassel (2007), do universo de estabelecimentos rurais, 85% são consideradas agricultura familiar, as quais são responsáveis por 60% da produção de alimentos e de matéria-prima, sendo responsável por cerca de 10% do PIB nacional e respondendo por 77% das ocupações produtivas e dos empregos no meio rural.

Conforme Miotto, Perius, Willwock (2006) existem mais de um milhão de pessoas envolvidas nesse segmento, sendo um dos que mais viabiliza empregos e o mais promissor para o RS e o Brasil. Sua melhoria e inserção no mercado têm impacto importante no país. Este segmento de agricultura exerce um papel muito importante na segurança alimentar, função ambiental, econômica e social, sendo lembrada por ser grande provedora de alimentos.

De acordo com Guilhoto (2006)

Sul do Brasil é a região que mais sobressai na produção familiar. Em 2004, o PIB do agronegócio familiar nacional atingiu a cifra de R\$ 181 bilhões, dos quais cerca de 44%, ou R\$ 80 bilhões, estavam concentrados na região Sul e, destes, metade estava no Rio Grande do Sul, totalizando R\$ 40 bilhões, estado é líder em vários segmentos do agronegócio familiar (GUILHOTO, et.al. 2006).

Segundo Miotto, Perius, Willwock (2006), “a agricultura familiar é a âncora do mercado interno”. Esse segmento é de suma importância para o desenvolvimento local, pois mobiliza a mão de obra da família e vizinhos, especialmente se houver um processo de agroindustrialização da produção que representa um fator de agregação de renda. Onde segundo Wanderley (2001):

A agricultura familiar entendida como aquela em que a família, ao mesmo tempo em que é proprietária dos meios de produção, assume o trabalho no estabelecimento produtivo. É importante insistir que este caráter familiar não é um mero detalhe superficial e descritivo: o fato de uma estrutura produtiva associar família-produção-trabalho tem conseqüências fundamentais para a forma como ela age econômica e socialmente. (2001, p. 2)

4.3 A importância e as potencialidades da agroindústria familiar.

As agroindústrias familiares através da maior agregação de valor a produção agrícola, visando o fortalecimento da agricultura familiar, criando condições para o pleno exercício da cidadania e a melhoria da qualidade de vida da população gaúcha.

Segundo Riva (2009):

A agroindustrialização familiar propicia uma expansão, um crescimento da atividade de cunho familiar em relação ao setor agrícola, com isso, há uma mudança da realidade econômica da atividade, contribuindo para uma melhor perspectiva para o setor familiar. RIVA (2009, p.10)

A agroindustrialização dos produtos agrícolas se caracteriza como uma alternativa importante para os agricultores familiares, que na busca de melhorar a renda de suas famílias, agricultores familiares acabam apostando em novas maneiras de agregar maior valor a suas produções, as agroindústrias familiares são boas forma de maior agregação de valor e diversificação de fontes de renda, dando uma auto-suficiência familiar. Quando bem viabilizados esses pequenos empreendimentos podem ainda contribuir para a promoção do desenvolvimento rural local. Segundo, Passador, da Rosa e Passador (2004):

A agroindustrialização da produção agropecuária é a possibilidade de o agricultor familiar inserir-se nesse mercado. O processamento de alimentos nas agroindústrias de pequeno porte representa uma promissora alternativa de renda e emprego para a agricultura familiar. Desenvolver a agroindustrialização integrada aos sistemas produtivos pode garantir maior rentabilidade e sustentabilidade à atividade rural. PASSADOR, DA ROSA E PASSADOR (2004, p.02)

Agroindústria familiar representa “uma das alternativas econômicas para a permanência dos agricultores familiares no meio rural” e para a “construção de um novo modelo de desenvolvimento sustentável”, na perspectiva do “rural” como um todo e não mais apenas ligado à produção agrícola. (MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO, 2004, p. 11).

A agroindústria familiar tem sido uma estratégia de desenvolvimento rural de grande importância para agricultura familiar, pois tem contribuído para permanência de muitas famílias no campo, pois provoca uma diversificação da produção das propriedades rurais, principalmente na geração de renda dessas famílias. As agroindústrias familiares também contribuem para a diminuição do desemprego, da pobreza, do êxodo rural, e também é uma forma de inclusão da mulher e dos jovens nas atividades da propriedade e da comunidade em geral, pois elas geram renda e melhoria na vida das famílias envolvidas. “a agroindústria é uma das alternativas econômicas para a permanência dos agricultores familiares no meio rural e para a construção de um novo modelo de desenvolvimento sustentável, que pensa o rural como um todo e não mais apenas ligado à produção agrícola.” (MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO, 2004, p. 11).

Segundo Padilha, Ferreira e Trentin (2005 p.03) a agricultura familiar é responsável “pela produção de 80% dos produtos que compõem a cesta básica, ocupa 80% da mão-de-obra rural, responde por 40% do valor bruto da produção agropecuária nacional e obtém três vezes mais

renda por hectare cultivado”. Além de contribuir muito na produção de alimentos, a agricultura familiar, ainda possui importantes funções como auxiliar na preservação ambiental, e na geração de empregos, e também em atividades tidas como não agrícolas, como o turismo rural e o artesanato.

As agroindústrias familiares rurais conseguem propiciar aos agricultores uma mudança na realidade econômica, contribuindo em muito para melhorar a qualidade de vida desses agricultores, dando um novo animo para esses permanecerem no campo, diminuindo o êxodo rural. As agroindústrias familiares são maneiras de “[...] impulsionar a geração, direta e indireta, de novos postos de trabalho e de renda aos agricultores familiares, promovendo a sua (re) inclusão social e econômica” (PREZOTTO, 2002, p. 01).

Uma alternativa rentável de geração de renda aos produtores rurais proporcionando agregação de valor aos seus produtos rurais é a agroindustrialização da produção. Reforçando essa posição, destacamos Révillion (2010, pg. 01) onde coloca que a agroindústria representa “o ponto de encontro entre as necessidades do consumidor final, as exigências da distribuição, as particularidades de transformação de matérias-primas em alimentos e a adoção de novas tecnologias de processo e produto”.

Partindo dessa premissa, a estratégia adotada pela agroindústria é fundamental para que essa possa obter crescimento e enfrentar a concorrência das grandes empresas, garantindo assim permanência no mercado. Segundo Porter (1986 apud Révillion, 2010, pg. 01) “estratégia competitiva é a busca de uma posição competitiva favorável em determinado setor”. Nesse sentido, a escolha da estratégia de ação é o ponto chave do sucesso do empreendimento a qual depende do porte da empresa e o foco de atuação que se pretende atingir.

Conforme destaca Zago (2002):

“O mercado esta crescendo na comercialização de produtos coloniais com consumidores fiéis a esses produtos. Para alguns consumidores as famílias fazem produtos personalizados, ou seja, de acordo com o pedido do cliente. Os agricultores fazem do comércio de seus produtos uma relação de amizade e confiança entre produtos e o consumidor”. (ZAGO, 2002, p.23).

Ainda, Révillion (2010, p.2) comenta que uma boa comercialização dos produtos da agroindústria “envolve a oferta de produtos diferenciados (ou mais raramente, mais baratos) para um segmento específico de consumidores (também chamado “nicho de mercado”) que, por apresentarem preferências particulares, apreciam, e se dispõe a pagar mais por aqueles tipos de produto”.

Quanto aos canais de comercialização das agroindústrias familiares, é muito importante lançarmos uma análise sobre esses, pois é um fator crítico para a sua sobrevivência: Segundo Pelegrini e Gazolla, (2008) “a grande maioria dos empreendimentos familiares (43,4%), vendem sua produção diretamente para os consumidores”. Essa venda direta acontece em feiras muitas vezes organizadas pelos agricultores, ou em vendas de “porta em porta”, onde o produtor leva seu produto da agroindústria até as residências dos consumidores interessados. Hoffmann et all (1987) apud Pelegrini e Gazolla (2008), “classifica este tipo de venda direta ao consumidor final como um canal curto de comercialização, pois a produção segue da agroindústria diretamente para o consumidor final, não passando por outros locais de transação mercantil”.

Ainda segundo Pelegrini e Gazolla (2008):

A maior parte dos produtos agroindustriais familiares é comercializada em venda direta para os consumidores, tanto na própria propriedade como em feiras e eventos (festas), pelos próprios membros da família o que denota a importância da organização do espaço rural e de suas extensões para o desenvolvimento de um posicionamento diferenciado na mente do consumidor [...] (GAZOLA E PELEGRINI, 2008, p. 13).

Temos ainda outros tipos de canais de comercialização utilizados pelas agroindústrias, como a venda em supermercados, mercados, fruteiras, e outros. Sendo esse um importante canal, pois segue a legalidade na questão fiscal e tributaria. Além desses temos também agora a possibilidade de comercialização através de um programa inovador do governo federal, o Programa Nacional de Alimentação Escolar – PNAE, onde as pequenas agroindústrias têm a oportunidade de comercializar seus produtos para serem utilizados na merenda escolar.

Desde 2006, existe mais uma alternativa para que agroindústrias familiares possam expandir ainda mais seus negócios, é o Sistema Unificado de Atenção a Sanidade Agropecuária – SUASA. De acordo com Révillion, (2010):

O SUASA tem particular importância para as agroindústrias familiares que processam produtos de origem animal, uma vez que a Lei 7.889 de 1989 restringe o comércio de produtos de origem animal inspecionados pelos sistemas de inspeção municipal apenas à área do município. Com a equivalência dos serviços de inspeção sanitária proposta pelo SUASA, em especial através do Sistema Brasileiro de Inspeção de Produtos de Origem Animal, esses produtos podem ser comercializados em todo o território nacional, de modo a resolver essa barreira enfrentada por grande parte das agroindústrias familiares (RÉVILLION, 2010, p.02).

4.3 Limitantes do processo de agroindustrialização familiar

Apesar da promoção por parte do Estado de alguns programas de incentivo e apoio a pequenas agroindústrias, com objetivos de criar ocupações no campo, reduzir o fluxo migratório, melhorando a renda e o bem estar, promovendo assim um maior desenvolvimento rural através da agroindustrialização, o nível de sobrevivência dessas organizações é bastante baixo.

A produção agroindustrial apresenta alguns limitantes para sua execução, como os altos custos para instalação, e também dificuldades para atender a legislação ambiental e sanitária. De acordo com Révillion (2010, p.01), “o estabelecimento e funcionamento de agroindústrias dependem do atendimento de uma série de normas, de natureza fiscal, ambiental e sanitária, estabelecidas pelos poderes públicos em suas diferentes esferas (municipal, estadual e federal)”. Essas normas rígidas muitas vezes fazem com que o agricultor trabalhe na informalidade, “esta remete muitas vezes ao princípio da clandestinidade, prejudicando tanto na comercialização, como na produção” (RIVA, 2009 p. 24). Outros limitantes que também podemos citar é a dificuldade de obter matéria prima adequada para esses estabelecimentos, a falta de gestão na agroindústria, principalmente gestão na contabilidade da empresa (Pelegri e Gazolla, 2008).

As agroindústrias familiares na maioria dos casos trabalham na informalidade, ou seja, não possuem registro e certificação sanitária. Para buscar a certificação destas agroindústrias e tentar assim conquistar novos mercados consumidores, muitas vezes é necessário encarar burocracias excessivas o que acaba ocasionando uma grande demora na liberação destes certificados (Pelegri e Gazolla, 2008).

Na comercialização dos produtos a questão das normas sanitárias é uma das principais barreiras para a implantação das agroindústrias familiares. Exigências de grandes instalações e

investimentos geram um aumento da informalidade dos agricultores familiares na venda de seus produtos. Para estes investimentos os produtores têm a necessidade de políticas públicas que forneçam recursos para promover as mudanças e o posterior enquadramento às normas.

De acordo com Guimarães (2001) o atendimento dessas normativas, especialmente as de natureza sanitária (quer nos seus aspectos construtivos como processuais), representa uma séria dificuldade para as agroindústrias de pequeno e médio porte o que explica, em parte, o alto grau de informalidade observado nesse setor.

Os agricultores, principalmente os familiares tem a necessidade de apoio por parte das entidades de assistência técnica, como a EMATER, para juntos, agricultores e extensionistas possam por no papel as suas idéias e assim montar projetos para buscar recursos e melhorar a estruturas das pequenas agroindústrias e assim tentar sair da informalidade, podendo aumentar o “leque” de seus clientes.

De acordo com Sulzbacher e David (2009):

Para viabilizar o processo de legalização, o grupo familiar tende superar vários obstáculos, devido ao pioneirismo desse tipo de atividade, pela falta de recursos próprios e pela escassez de informações quanto ao processo de constituição da agroindústria (legislação sanitária, ambiental e registro) (SULZBACHER E DAVID 2009, p.4).

A legalização da agroindústria faz com que o consumidor possa ter uma maior confiabilidade no produto que esta adquirindo, pois este possui rótulo com importantes informações, com nome, endereço e telefone do fabricante, data da fabricação, prazo de validade, temperatura de acondicionamento, e carimbo de SIM com o devido número de registro da agroindústria.

Muitas agroindústrias não sobrevivem, por problemas econômicos, onde segundo SEBRAE (2005), a sobrevivência das empresas, em geral, de micro e pequeno porte, a taxa percentual é de 47 %. Essas agroindústrias enfrentam problemas como falta de capital de giro, alta carga tributaria, grande concorrência, falta de acesso ao mercado, problemas sanitários além destes pontos um dos principais complicadores evidenciados por Vieira (1998) é conseguir abastecimento de matérias-primas diretamente do produtor rural, quando a agroindústria não está

diretamente ligada ao estabelecimento agrícola, tendo na maioria das vezes, que recorrer às Centrais de Abastecimento (CEASAs).

5. EXPERIENCIAS DE AGROINDUSTRIALIZAÇÃO FAMILIAR

Neste capítulo faremos relatos de experiências positivas de agroindústrias familiares localizadas nos municípios gaúchos de Marau e Camargo. São relatos e experiências de casos, visando compreender o processo de agroindustrialização, bem como conhecer o dia a dia de uma pequena agroindústria, em diferentes municípios demonstrando também os seus resultados através de informações empíricas.

Um exemplo de agroindústria familiar que pode ser citado é do município de Chapada/RS onde uma família de agricultores familiares daquele município adotou uma alternativa a fim de permanecer no campo criando a Agroindústria Familiar Rural DEVA Delícias Naturais. Como as atividades tradicionais existentes na propriedade estavam em crise à família foi em busca de outra atividade, a produção de derivados de cana-de-açúcar, como melado, e mais tarde açúcar mascavo, rapadura e schmier. A escolha por esses produtos se deu pela percepção de que existia um bom mercado consumidor para produtos artesanais, pois a cana-de-açúcar e seus derivados eram utilizados para o consumo da familiar.

A família foi em busca de auxílio para dar início a esse sonho, através do apoio da EMATER e da Prefeitura municipal tiveram acesso a recursos para a construção de novas instalações para a agroindústria da família. Sendo assim a família foi em busca da legalização da atividade o que propiciou o aumento da produção existente bem como da comercialização do produto, com as melhorias agroindústria passou a produzir com maior qualidade observando as normas de higiene, como uso de novas tecnologias passou a qualificar sua produção diminuindo o uso da força manual conseguindo o selo de qualidade “Sabor Gaúcho”, dando ainda mais credibilidade aos produtos da agroindústria DEVA.

Nesse sentido, a agroindústria familiar rural DEVA Delícias Naturais foi em busca de alternativas que garantissem a reprodução da unidade de produção familiar a qual ocorreu através da união, persistência e esforço da família juntamente com a contribuição dos órgãos públicos como a EMATER e Prefeitura. Com o incremento da DEVA a família passou a obter um aumento significativo na renda permitindo autonomia a propriedade rural perante outras agroindústrias. Através da venda direta ao consumidor o proprietário da agroindústria ampliou suas relações sociais e é conhecido no município e região como o “tio do melado”. (SULZBACHER, 2007)

Outro exemplo de agroindústrias que podemos citar vem do município de Constantina/RS. Onde segundo SULZBACHER e NEUMANN (2011) na década de 90, devido a grande crise que as pequenas propriedades enfrentavam naquele momento, os agricultores buscavam novas alternativas de renda, foi quando através do associativismo surgiu a primeira agroindústria daquele pequeno município gaúcho, uma pequena fabriqueta de açúcar mascavo e outros derivados de cana de açúcar. Depois desta primeira surgiram muitas outras associações de agricultores que começaram a industrializar e fabricar algum tipo de produto, como queijos, bolachas, paes, cachaças e licores. Iniciativas bastante incentivadas e acompanhadas por diversas entidades do município como Emater, Sindicatos dos trabalhadores rurais, prefeitura municipal e outras. Com o intuito de unir ainda mais as associações agroindústrias, em 2003 é fundada a COOPERAC, Cooperativa dos Grupos de Agroindústrias dos agricultores familiares de Constantina. Segundo os autores, a criação da cooperativa viabilizou a comercialização regional dos produtos, se consolidando como uma estratégia que deu vazão para aquelas agroindústrias que não tinham mercado consumidor suficiente no município. E ainda a COOPERAC, tinha como objetivo de trazer estratégias para simplificar os processos de legalização sanitária e fiscal das agroindústrias, buscando também uma padronização dos rótulos, passando uma maior credibilidade aos produtos. No ano de 2007, a COOPERAC, inaugurou um local de comercialização dos produtos coloniais, chamado de “Quiosque da agricultura familiar”, onde são comercializados mais de 50 tipos de produtos produzidos por 14 agroindústrias. Podemos dizer que muito ainda precisa ser feito para as agroindústrias da COOPERAC, mas com o cooperativismo tem melhorado bastante a segurança alimentar e a geração de renda para as propriedades familiares pertencentes a essa cooperativa. (SULZBACHER e NEUMANN, 2011)

Um exemplo de sucesso na consolidação de uma instituição regional no setor agroindustrial é o consórcio, criado em 1992, para a gestão da “batata típica de Bologna” na Itália. Formado pelo agrupamento de quatro cooperativas e duas associações de agricultores (totalizando em torno de 800 agricultores) e onze operadores comerciais privados, o consórcio estabeleceu as normas de funcionamento dessa organização, as prioridades estratégicas de desenvolvimento e as especificações técnicas do produto. Desse esforço resultou uma série de iniciativas: i) criação da marca “batata típica de Bologna”, ii) a definição de normas produtivas de maneira a atingir um padrão de qualidade elevado e constante, iii) a contratação de uma equipe de profissionais de marketing dedicados à valorização do produto e da marca coletiva, iv) a

criação de um observatório econômico voltado a monitorar as ameaças e oportunidades ao negócio. Como resultado, o produto é comercializado em valores médios 30 a 35% superiores aos das batatas convencionais (CASAROTTO FILHO ; PIRES, 1999).

No Brasil, desde a metade da década de noventa, uma miríade de ações vêm impulsionando a formação de redes que sustentam a produção agroindustrial local: uso da merenda escolar como estímulo à produção local, promoção de hortas municipais e feiras, adaptação da legislação tributária e de fiscalização sanitária, criação de fundos rotativos e de aval, estímulo ao associativismo, promoção de cursos e o oferecimento de assistência técnica, entre outras iniciativas. Nesse período, a promoção de agroindústrias de pequeno e médio porte se estabeleceu como um componente de políticas federais, estaduais e locais, desde o PRONAF Agroindústria, os Programas de Tecnologia Alternativa – PTA do CNPq (PROVE, DESENVOLVER), programas estaduais (Sabor Gaúcho, Fábrica do Agricultor), regionais (como as agroindústrias de castanha de caju promovidas pela AACCC) e locais (Agroindústria Familiar de Londrina/PR) (WILKINSON, 2008).

O programa PROVE, desenvolvido pelo governo de Cristóvão Buarque no Distrito Federal no final da década de 1990, foi planejado para permitir, a pequenos agricultores de baixa renda, o acesso a insumos, treinamento profissional, instalações de processamento e canais de distribuição para desenvolver agroindústrias de pequeno porte, compatíveis com os requisitos da legislação sanitária. Também foi desenvolvida uma marca coletiva (“PROVE”), embalagens padronizadas, serviços de etiquetagem e códigos de barra para promover o acesso dos produtos à rede varejista. As feiras de rua representaram, inicialmente, o principal canal de distribuição, porém, com o avançar do programa, até redes de hipermercados internacionais, como o Carrefour, passaram a oferecer os produtos. Em decorrência do programa, mais de 60 agroindústrias foram instaladas no Distrito Federal e vários outros municípios começaram a desenvolver programas equivalentes como se fossem franqueados. A renda média mensal dos beneficiários do programa elevou-se de 50 para 200 dólares mensais (em torno de dois salários mínimos à época), o que comprova o atendimento do objetivo de afastar os agricultores de uma situação de pobreza e exclusão. Contudo, apesar de apresentar um bom domínio sobre os aspectos produtivos, na opinião dos agentes de extensão envolvidos, os empreendedores encontraram dificuldades na gestão logística e capacidade de desenvolver estratégias de “marketing” adequadas às características do negócio (WILKINSON, 2008).

Em outro exemplo, produtores familiares de castanha de caju, um dos principais produtos comerciais da região semi-árida do Nordeste, adotaram uma estratégia de diferenciação, subsidiados pelo apoio da EMBRAPA e da Associação de Apoio às Comunidades Rurais do Rio Grande do Norte (AACC), uma ONG responsável pelos serviços de extensão rural nas áreas de reforma agrária. De fato, o processo de descasque artesanal permite obter produtos de maior aceitação pelo consumidor final – qualidade que foi padronizada em uma unidade central de classificação e embalagem e divulgada por estratégias de comunicação e posicionamento desenvolvidos pela AACC. Esse sistema estimulou o desenvolvimento de agroindústrias familiares de descasque semi-mecanizado de caju que operam com pequenas capacidades - de 35 a 660 kg por dia contra 5.000 kg/dia nos sistemas tradicionais – o que permitiu que esses produtores assumissem uma importante etapa de agregação de valor do processo produtivo (WILKINSON, 2008).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A agricultura familiar é aquela que todo o trabalho, a administração, gestão, é realizada com a utilização de mão-de-obra familiar. Importante segmento da agricultura, que a partir da década de 90, começou a receber maior valorização, iniciou a elaboração de políticas públicas direcionadas para esses pequenos agricultores familiares, como é o caso do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar- PRONAF. A Agricultura familiar traz muitos benefícios para inúmeros municípios brasileiros, geram empregos diretos no campo e indiretos na cidade.

A agroindústria familiar tem sido uma estratégia de desenvolvimento rural de grande importância para agricultura familiar, pois tem contribuído para permanência de muitas famílias no campo através da diversificação da produção das propriedades rurais, e principalmente na geração de renda dessas famílias. Elas também contribuem para a diminuição do desemprego, da pobreza, do êxodo rural, e também é uma forma de inclusão da mulher e dos jovens nas atividades da propriedade e da comunidade em geral, pois elas geram renda e melhoria na vida das famílias envolvidas.

São numerosos os benefícios sociais gerados pelos empreendimentos agroindustriais familiares através da melhoria na qualidade dos produtos fabricados, pela diminuição das perdas durante o processo de comercialização e pela função disseminadora que tendem a desempenhar na promoção de novas tecnologias nas atividades do meio rural. As agroindústrias muitas vezes geram aos agricultores uma alternativa de próprio processar sua produção e comercializá-la para os consumidores finais, tendo uma maior margem de lucro, uma vez que eliminam os intermediários, atravessadores, especuladores, que na maioria dos casos ficavam com a maior fatia do lucro.

Durante a realização deste trabalho, pude perceber a complexidade do assunto agroindústrias familiares, os inúmeros trabalhos publicados de muitos autores que abordam este tema. Assim também, mostrar a importância das agroindústrias familiares, para o desenvolvimento rural de muitas famílias de agricultores.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, J. A.; RIED, Mario. **Turismo rural: ecologia, lazer e desenvolvimento**. São Paulo: Edusc, 2000.

BRASIL. L. F. Vieira. EMBRAPA. Agricultura e agroindústria familiar. **Política Agrícola**, Brasília, v. 1, p. 11-23. 07 mar. 1998. Trimestral.

_____. Ministério do Desenvolvimento Agrário. Secretaria da Agricultura Familiar. **Programa de Agroindustrialização da Produção de Agricultores Familiares 2003/2006**. Brasília, 2004.

CASAROTTO FILHO, Nelson; PIRES, Luis Henrique. **Redes de pequenas e médias empresas e desenvolvimento local: estratégias para a conquista da competitividade global com base na experiência italiana**. São Paulo: Atlas, 1999.

CASSEL, Guilherme. **Agricultura familiar: escolhas e desafios**. Disponível em: <http://www.fabricadoagricultor.pr.gov.br/modules/noticias/article.php?storyid=83>. Acesso em: 22 mai. 2011.

FAO/INCRA Diretrizes de Política Agrária e Desenvolvimento Sustentável. Brasília, Versão resumida do Relatório Final do Projeto UTF/BRA/036, março, 1994.

FERNANDES FILHO, J. F.; CAMPOS, F. R. A indústria rural no Brasil. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, Rio de Janeiro, v. 41, n. 04, p. 859-880, 10 abr. 2003.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

GAZOLLA, M.; PELEGRINI, G. **A potencialidade familiar no Rio Grande do Sul: limites e potencialidades a sua reprodução social**. Frederico Westphalen: URI, 2008.

GERHART. Tatiana E. SILVEIRA, Denise T. **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: UFRGS, 2008. 121p. Disciplina DERAD05. Apostila.

GIL, Antonio C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1999.

GUILHOTO, J.J.M., S.M. ICHIHARA, C.R. AZZONI, F.G. Silveira. “**Comparação entre o Agronegócio Familiar do Rio Grande do Sul e do Brasil**”. Teoria e Evidência Econômica, Rio Grande do Sul, v. 14, p. 9-36, 2006.

GUIMARÃES, G. M. **A legislação industrial e sanitária dos produtores de origem animal: o caso das agroindústrias de pequeno porte**. 2001. 146 f. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2001.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, **Censo Agropecuário**, Brasília, 2006. Disponível em: < http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/agropecuaria/censoagro/agri_familiar_2006/default.shtm >. Acesso em 24 jun. 2011.

MELLO, L. Roxane. Agricultura familiar sustentabilidade social e ambiental, s/d. Disponível em: < http://www.agro.unitau.br:8080/dspace/bitstream/2315/137/1/Roxane_AF.DS.pdf >. Acesso em 23 jul. 2011

MIOTTO, Amauri; PERIUS, Vergílio Frederico; WILLWOCK, Luiz. Agricultura familiar no foco das atenções. **Extensão Rural e Desenvolvimento sustentável/ EMATER/RS – ASCAR**. Porto Alegre, v. 2, n. 3, p. 16-24, set. 2006. Quadrimestral.

OLIVEIRA, J. A. V. et al. **Avaliação do potencial da indústria rural de pequeno porte (IRPP) em Santa Catarina**. Florianópolis: CEPAGRO, 1999.

PADILHA, Paulo R. P; FERREIRA, Ana Margarete R. M; TRENTIN, Iran C. L. **Viabilidade da agroindústria familiar orgânica**. In: Congresso da SOBER, 43, 2005, Ribeirão Preto. Trabalhos apresentados. P.03. Disponível em: < <http://www.sober.org.br/palestra/2/991.pdf> >. Acesso em: 15 mai. 2011.

PASSADOR, J. L.; ROSA, Luiz A. B. da; PASSADOR, Cláudia Souza . A Comercialização na agroindústria de pequeno porte: a agricultura familiar em evidência: o caso de Londrina. In: XLII Congresso Brasileiro de Economia e Sociologia Rural, 2004, Cuiabá. Anais do XLII Congresso Brasileiro de Economia e Sociologia Rural: Dinâmicas Setoriais e Desenvolvimento Regional, 2004.

PORTUGAL, Alberto Duque. **O Desafio da agricultura familiar**. Disponível em: <<http://www.embrapa.br/imprensa/artigos/2002/artigo.2004-12-07.2590963189/>>. Acesso em: 15 de jun. 2011.

PELEGRINI, G.; GAZOLLA, M. **A agroindústria familiar no Rio Grande do Sul: Limites e potencialidades a sua reprodução social**. Frederico Westphalen: URI, 2008.

PELEGRINI, G., GAZOLLA, M. **Caracterização e análise das agroindústrias familiares da Região do Médio Alto Uruguai (CAAF, 2006)**. Relatório Final de Pesquisa. Edital FAPERGS 001/2005–PROCOREDES, Frederico Westphalen, 29 p. jun. 2007.

PINAZZA, L. A.; ARAÚJO, N. B. de. **Agricultura na virada do século XX: visão de agribusiness**. São Paulo: Globo, 1993.

PREZOTTO, L. L. Uma concepção de agroindústria rural de pequeno porte. **Revista de Ciências Humanas**. Florianópolis, n. 31, p.133-154, abr. 2002. Mensal. EDUFSC. Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Filosofia e Ciências Humanas.

RÉVILLION, Jean Philippe. **Componentes gerais da legislação relativa a processamento e certificação de produtos de origem animal e vegetal**. Disponível em: <<http://moodleinstitucional.ufrgs.br/course/view.php?id=9878&topic=3>>. Acesso em: 19 mai. 2011.

_____. **Do paradigma produtivista para a orientação para o mercado**. Disponível em: <<http://moodleinstitucional.ufrgs.br/course/view.php?id=9878>>. Acesso em: 22 mai. 2011.

_____. **Cooperação, conglomerados e desempenho competitivo**. Disponível em: <<http://moodleinstitucional.ufrgs.br/course/view.php?id=9878>>. Acesso em: 12 mai. 2011.

RIVA, Paula. **Agroindustrialização Familiar: Uma abordagem sobre o desenvolvimento dos produtores familiares rurais**. 2009, 74p. Graduação (Monografia), Curso de Ciências Econômicas, Departamento de Ciências Econômicas, UFRGS. Porto Alegre, 2009.

SEBRAE. **A micro e pequena empresa no Brasil**. Brasília, 2005. Disponível em: <<http://www.sebrae.com.br/>> Acesso em 11. Jun. 2011.

SILVEIRA P. C. da et. al. A construção da identidade territorial em Sistemas Agroalimentares Localizados – o caso da região da Quarta Colônia de Imigração Italiana do Rio Grande do Sul/Brasil. In.: ALFATER, **Anais...**, 2008. p. 01-24

SULZBACHER A. W. **Agroindústria familiar rural: Caminhos para estimar impactos sociais.** In: XIX Encontro Nacional de Geografia Agrária, São Paulo, 2009. p. 1-25.

_____. **A agroindústria familiar rural enquanto alternativa para agricultura familiar:** estudo de caso no município de Chapada/RS. Monografia (Curso de Geografia – Licenciatura Plena) Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2007.

SULZBACHER A. W. ; DAVID C. Alternativas para o Espaço Rural: importância de compatibilizar políticas públicas com saberes local. **Revista Campo-Território**, v.3, p.14 - 37 2008.

SULZBACHER A.W.; NEUMANN P.S. Uma experiência de organização social em prol da rede de agroindústrias familiares: o caso da COOPERAC de Constantina/RS. In Revista ACTA Geográfica, Boa Vista, v. 5, n. 9, p.105-116, jan./jun. de 2011.

WANDERLEY, N. **Raízes históricas do campesinato brasileiro.** In: TEDESCO (Org.) Agricultura familiar: realidades e perspectivas. Passo Fundo-RS: UPF, 2001.

WILKINSON, J. **Mercados, redes e valores: o novo mundo da agricultura familiar.** Editora da UFRGS: Porto Alegre – RS. Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Rural, 2008, 213 p. (Série Estudos Rurais).

ZAGO, H. I. K. **A importância da agroindústria caseira de produtos de origem animal para a agricultura familiar no município de Arroio do Tigre/RS.** 2002 192 p. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural). UFSM. Santa Maria/RS, 2002.